

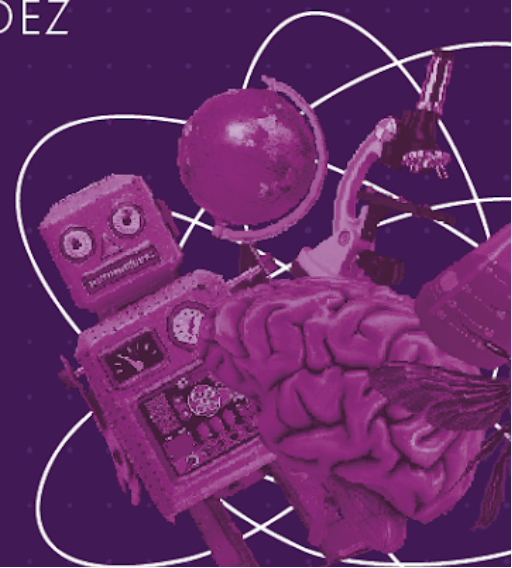
O EFEITO DE VÍDEOS ERÓTICOS E DE CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NO COMPORTAMENTO SEXUAL DE RISCO EM JOVENS UNIVERSITÁRIOS

Professor orientador: Eduardo Walcacer Viégas

Aluna: Giovanna Petek Reinert

PROGRAMA DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
PIC/CEUB

RELATÓRIOS DE PESQUISA
VOLUME 10 Nº 1- JAN/DEZ
2024



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

GIOVANNA PETEK REINERT

**O EFEITO DE VÍDEOS ERÓTICOS E DE CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE
INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NO COMPORTAMENTO
SEXUAL DE RISCO EM JOVENS UNIVERSITÁRIOS**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pesquisa e Extensão.

Orientação: Eduardo Walcacer Viégas

**BRASÍLIA
2025**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu orientador, cuja orientação atenta, apoio constante e compromisso com o rigor científico foram fundamentais para a realização deste projeto.

Aos participantes da pesquisa, que generosamente contribuíram com suas experiências e tornaram este estudo possível.

À minha família e aos meus amigos, pelo incentivo, apoio emocional e compreensão em cada etapa desta jornada, que foram essenciais para que eu pudesse perseverar diante dos desafios.

Dedico também a todos os momentos de superação e esforço que marcaram esta trajetória, pois foi por meio da determinação e do comprometimento que este trabalho pôde ser concluído.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho foi possível graças ao apoio, orientação e colaboração de pessoas que contribuíram significativamente ao longo desta jornada.

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu orientador, Eduardo Walcacer Viégas, pela confiança, paciência e valiosas contribuições do início ao fim desta pesquisa. Sua dedicação ao desenvolvimento científico foi essencial para que este estudo alcançasse consistência e profundidade.

Aos participantes da pesquisa, registro minha sincera gratidão pela disponibilidade e engajamento, sem os quais este estudo não teria se concretizado.

Ao Centro Universitário de Brasília (CEUB), agradeço pela estrutura, incentivo à pesquisa e por proporcionar um ambiente acadêmico fértil ao desenvolvimento científico e profissional.

Aos meus pais, agradeço profundamente pelo apoio incondicional e por me proporcionarem as condições necessárias para que eu possa viver plenamente esta experiência acadêmica e pessoal. Sem a compreensão, os conselhos e a confiança de vocês, esta conquista não teria sido possível.

Aos meus amigos e colegas, sou grata pela presença constante, pelas palavras de incentivo e pelos momentos de descontração que ajudaram a tornar esta jornada mais leve. O apoio e a parceria de vocês contribuíram não apenas para minha motivação, mas também para meu crescimento pessoal e acadêmico.

Por fim, agradeço a todas as circunstâncias que exigiram foco e superação. Cada desafio foi parte do processo de aprendizado que este trabalho representa.

“Não considere nenhuma prática como imutável. Mude e esteja pronto a mudar novamente. Não aceite verdade eterna. Experimente.”

(B. F. Skinner)

RESUMO

Do ponto de vista da Psicologia Comportamental, comportamentos sexuais de risco, como a prática de sexo sem preservativo, podem ser influenciados por variáveis antecedentes que alteram a probabilidade de respostas impulsivas nesse contexto. Estímulos erotizados, por exemplo, podem funcionar como antecedentes que aumentam o valor reforçador de consequências imediatas, enquanto conteúdos de conscientização podem favorecer o controle do comportamento pelas consequências atrasadas. Embora estudos anteriores tenham demonstrado efeitos desses estímulos sobre decisões relacionadas à fidelidade (Adler et al., 2023), ainda não há evidências quanto à sua influência sobre o comportamento sexual de risco. Diante disso, este estudo investigou a generalidade desse fenômeno ao analisar os efeitos de vídeos com conteúdos erotizados e de conscientização sobre infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) na escolha impulsiva relacionada ao sexo sem preservativo. Para isso, os participantes foram distribuídos em três grupos experimentais: Erótico (exposição prévia a vídeos erotizados); Conscientização (vídeos sobre ISTs); e Controle (conteúdos neutros). Após isso, responderam a uma tarefa de desconto do atraso sexual envolvendo decisões sobre praticar sexo imediato sem preservativo ou adiar a relação para utilizar preservativo, considerando diferentes condições (cenário neutro vs. negativo; parceiro de alta vs. baixa atratividade). Os resultados indicaram que o Grupo Erótico apresentou maior impulsividade, enquanto o Grupo de Conscientização apresentou menor impulsividade, embora sem significância estatística. A atratividade aumentou a impulsividade nos grupos Controle e Conscientização, e o cenário negativo a reduziu em todos os grupos. Os achados sugerem que a excitação sexual pode aumentar a sensibilidade de reforçadores imediatos, enquanto conteúdos de conscientização simples podem favorecer o controle por consequências atrasadas, contribuindo para estratégias preventivas em saúde sexual.

Palavras-chave: desconto do atraso; impulsividade sexual; atratividade; uso de preservativos; prevenção ISTs.

SUMÁRIO

1	Introdução	7
2	Fundamentação teórica	11
3	Método	20
4	Resultados e discussão	29
5	Considerações finais	36
	REFERÊNCIAS	37
	APÊNDICES	40
	ANEXOS	43

1 Introdução

O comportamento sexual de risco é compreendido por fazer sexo sem preservativo, sendo assim um comportamento onde há o risco de contrair uma infecção sexualmente transmissível (IST) ou até mesmo resultar em uma gravidez indesejada. Essas consequências tornam esse comportamento um importante tema de saúde pública tendo em vista que ISTs estão entre as infecções mais comuns em todo o mundo, afetando a saúde e a vida das pessoas, impactando a saúde reprodutiva e infantil, e contribuindo para a infertilidade e complicações durante a gestação e o parto (Domingues et. al., 2021). Além disso, as ISTs estão entre os problemas de saúde de maior impacto sobre os sistemas públicos de saúde e sobre a qualidade de vida das pessoas no Brasil e no mundo, considerando que o Ministério da saúde aponta que aproximadamente 1 milhão de pessoas afirmaram ter diagnóstico médico de IST ao longo do ano de 2019, e que no Brasil cerca de apenas 20% das pessoas usam preservativo em todas as relações sexuais (Ministério da Saúde, 2023).

Apesar de haver esforços na educação e conscientização sobre ISTs, comportamentos sexuais de risco continuam sendo uma realidade preocupante, principalmente entre os jovens, pois entre esse público é comum fazer sexo sem preservativo em encontros casuais (Reis & Gir, 2009). Dessa forma, compreender os fatores que interferem na escolha entre realizar comportamentos sexuais de risco ou adotar uma prática sexual segura (i.e., fazer sexo com preservativo) pode ser fundamental para evitar a contração de ISTs ou de uma gravidez indesejada.

Uma forma de investigar o motivo pelo qual as pessoas preferem fazer sexo imediatamente sem preservativo, ao invés de esperar para fazer sexo com preservativo, pode ser por meio do modelo do desconto do atraso. Esse modelo faz referência à desvalorização de uma consequência em decorrência ao tempo de espera para obtê-la. Assim, à medida que o atraso aumenta, o valor da consequência diminui para o indivíduo (Johnson & Brunner, 2012). Estudos nessa área, como o de Johnson e Brunner (2012), Quisenbery et al. (2015), Collado et al. (2017) e Adler et. al (2023), investigaram a escolha entre uma alternativa que produz reforços mais imediatos, mas de menor magnitude (alternativa impulsiva), em comparação a uma alternativa que produz reforços de alta magnitude, porém mais atrasados (alternativa de autocontrole). No contexto do comportamento sexual de risco, fazer sexo sem

preservativo representa a alternativa impulsiva, pois gera reforços imediatos (i.e., prazer sexual), mas também implica em riscos de punições futuras (i.e., ISTs e gravidez). Por outro lado, optar por fazer sexo com preservativo, ainda que requeira uma espera maior, representa a alternativa de autocontrole, pois reduz a probabilidade de punições futuras (Johnson & Bruner, 2012).

Pesquisas sugerem que o nível de atratividade, o risco iminente de contrair uma IST e alguns fatores sociodemográficos, como gênero e uso crônico ou agudo de drogas, podem afetar a probabilidade de indivíduos se engajarem em comportamentos sexuais de risco. (Bolin et al. 2016; Johnson & Bruner, 2012; Johnson et al., 2015; Lawyer & Schoepflin, 2013). A compreensão desses mecanismos são essenciais, pois podem ajudar profissionais a entenderem o motivo da ocorrência de comportamentos sexuais de risco e como evitá-los.

O nível de excitação sexual tem sido uma variável cada vez mais investigada nos estudos sobre comportamento sexual, especialmente no que diz respeito à tomada de decisão em situações de risco. Wongsomboon e Cox (2021) analisaram de que forma a excitação sexual pode influenciar a escolha por fazer sexo sem preservativo por meio da tarefa de desconto do atraso desenvolvida por Johnson e Bruner (2012). No experimento, os participantes indicaram a probabilidade de fazer sexo com ou sem preservativo em função da diminuição da excitação sexual ao usar o preservativo. Para isso, os participantes respondiam se preferiam fazer sexo com ou sem preservativo, sendo que inicialmente o nível de excitação sexual se mantia em 100%, mesmo com o uso de preservativo. No entanto, ao longo das tentativas, foi reduzido sistematicamente o nível de excitação sexual quando se tratava de optar por usar o preservativo. Os resultados indicaram que, sob alta excitação sexual, os participantes demonstraram maior tendência a preferir relações sexuais com preservativo, mas ao reduzir o nível de excitação sexual, os participantes passaram a preferir fazer sexo sem preservativo, priorizando mais os níveis de excitação sexual ao invés de uma relação sexual segura. Esses achados sugerem que a excitação sexual pode afetar diretamente o autocontrole e a tomada de decisões frente a comportamentos de risco, como o não uso de preservativos em relações sexuais.

Em Adler et al. (2023), a variável de excitação sexual também foi investigada, mas no contexto de infidelidade. Nesta pesquisa, analisou-se como a apresentação de

vídeos eróticos e de vídeos de meditação guiada podem afetar a probabilidade de infidelidade em relacionamentos amorosos monogâmicos. Para isso, utilizou-se uma tarefa de desconto de probabilidade (i.e., escolha entre trair ou não trair com base em diferentes níveis de atratividade de um parceiro alternativo), a partir da qual se investigou, em um cenário hipotético, a probabilidade de participantes em relacionamentos monogâmicos satisfatórios traírem ou não seus parceiros. As variáveis manipuladas nesse estudo foram a apresentação de vídeos eróticos e de vídeos de meditação guiada, aplicadas para cada um dos diferentes grupos. Constatou-se após este experimento que a excitação momentânea gerada pela apresentação do vídeo erótico aumentou a probabilidade de infidelidade (i.e., escolhas mais impulsivas), assim como a apresentação de vídeos de meditação diminuiu a probabilidade de infidelidade (i.e., escolhas menos impulsivas).

Com relação à justificativa científica, até o momento não há evidências que vídeos de conscientização ou vídeos eróticos afetam o comportamento sexual de risco como afetou o comportamento de fidelidade (Adler et al., 2023). Dessa maneira, espera-se verificar a generalidade desse fenômeno ao investigar o efeito de vídeos sobre comportamento sexuais de risco. Em caso de demonstração de que ao assistir vídeos eróticos (i.e., uma maneira indireta de aumentar a excitação sexual), exista uma tendência a aumentar comportamentos sexuais de risco, isso pode sinalizar que é necessário descobrir como intervir nesses casos, visto que esse pode ser um cenário típico experienciado por jovens ao longo das suas vidas. Além disso, é de grande relevância investigar se vídeos de conscientização, como aqueles utilizados em políticas públicas no Brasil, são eficazes em reduzir a impulsividade.

O objetivo deste estudo foi de investigar o efeito de vídeos com conteúdo de conscientização sobre ISTs e de cenas eróticas, na escolha entre fazer sexo imediatamente sem o uso de preservativo ou de esperar para praticar sexo com preservativo. Para isso, os participantes foram distribuídos em três grupos: vídeos eróticos, vídeos de conscientização sobre ISTs e vídeos neutros (i.e., documentários sobre o meio ambiente). As apresentações desses vídeos com conteúdos diferentes se constituem como as variáveis independentes do experimento. Após a exibição dos vídeos, analisou-se a influência dessas variáveis sobre o desconto por atraso relacionado ao comportamento sexual de risco. Logo, as modificações observadas

nesse comportamento são caracterizadas como as variáveis dependentes do experimento. Como objetivo específico, investigou-se se o nível de atratividade sexual interagiu com o efeito dos vídeos, conforme proposto por Johnson e Bruner (2012) e Quisenbery et al. (2015), assim como quais diferenças são observadas no comportamento sexual de risco de cada um dos três grupos.

2 Fundamentação teórica

Infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) estão entre as doenças mais comuns em todo o mundo, elas afetam a saúde e a vida das pessoas, causam impactos na saúde reprodutiva e infantil, podem contribuir para a infertilidade ou a complicações durante a gestação e o parto (Domingues et. al., 2021). As ISTs são consideradas um dos problemas de saúde de maior impacto sobre os sistemas públicos de saúde e sobre a qualidade de vida das pessoas no Brasil e no mundo, considerando que o Ministério da Saúde aponta que aproximadamente 1 milhão de pessoas afirmaram ter diagnóstico médico de Infecção Sexualmente Transmissível (IST) ao longo do ano de 2019.

Apesar de haver esforços na educação e conscientização de ISTs, comportamentos sexuais de risco continuam a ser uma realidade preocupante, principalmente entre o público mais jovem, pois para esses é comum fazer sexo sem preservativo em encontros casuais (Renata & Elucir, 2009). Outro dado alarmante é que no Brasil cerca de apenas 20% da população usa preservativo em todas as relações sexuais (Martins, 2023), o que aumenta a importância de estudos na área do comportamento sexual de risco.

Uma das formas de estudar o comportamento sexual de risco é por meio do desconto do atraso, que vem sendo utilizado na investigação de escolhas sexuais de risco apenas recentemente. Entende-se por “desconto do atraso” a desvalorização do reforço em função do aumento do tempo até a sua obtenção (Johnson & Bruner, 2012). Nesse paradigma, os participantes desses estudos precisam escolher entre uma alternativa que produz um reforço mais imediato de baixa magnitude (i.e., impulsividade) ou uma alternativa que produz um reforço com mais atraso, mas com maior magnitude (i.e., autocontrole). Na área de comportamentos sexuais de risco, os participantes precisam escolher entre fazer sexo agora sem preservativo (i.e., impulsividade) ou entre esperar para fazer sexo com preservativo (i.e., autocontrole). Diz-se que fazer sexo agora sem preservativo é um comportamento impulsivo pois o reforço é imediato (sexo/prazer), mas há consequências punitivas atrasadas que diminuem o valor do reforço (ISTs). Por outro lado, fazer sexo com preservativo depois é autocontrole, pois o reforço é atrasado (sexo/prazer), mas diminui o chance de ocorrer punições atrasadas (ISTs).

Em Johnson e Brunner (2012), foi realizada a primeira pesquisa para investigar a preferência entre fazer sexo agora sem preservativo (impulsividade) ou esperar para fazer sexo com preservativo (autocontrole), com o paradigma do desconto do atraso. Nessa pesquisa, o experimento foi feito com indivíduos dependentes de cocaína para avaliar a preferência em relação às escolhas impulsivas e autocontroladas. Para que fossem medidas as escolhas hipotéticas entre as alternativas impulsivas e as de autocontrole, foram apresentados aos participantes 60 fotos de homens e mulheres das mais diversas características, as quais foram selecionadas pelos próprios participantes em escalas que variam entre mais atraentes e menos atraentes, para assim saber se os participantes iriam se expor mais ao risco quando sentissem mais atração por prováveis parceiros. As fotos também foram utilizadas para que os próprios participantes indicassem quais pessoas pareciam ter menor ou maior probabilidade de estar infectadas por uma IST. O objetivo foi verificar se eles estariam dispostos a se arriscar sexualmente mesmo diante de um parceiro potencialmente com maior risco de infecção. Após a seleção das imagens, foi solicitado que os participantes avaliassem a probabilidade hipotética de optar por fazer sexo imediatamente, sem preservativo, ou esperar um determinado período para ter acesso a um preservativo e então realizar o ato sexual. Essa avaliação foi realizada quatro vezes (uma para cada imagem), correspondendo às imagens selecionadas de: maior atratividade, menor atratividade, maior chance percebida de ter uma IST e menor chance percebida de ter uma IST. Foram manipulados os seguintes atrasos para fazer sexo com preservativo: 1 h, 3 h, 6 h, 1 dia, 1 semana, 1 mês e 3 meses. Foi observado nesta pesquisa que quanto maior o atraso, maior a impulsividade, ou seja, maior a probabilidade de fazer sexo agora sem preservativo. Um dado que replica a literatura de desconto do atraso quando são utilizados outros reforços como cigarro, dinheiro (Bickel et al., 1999) ou álcool (Petry, 2011). Além disso, houve maior impulsividade quanto maior a atração sexual e menor o risco de IST. Ou seja, o comportamento sexual de risco dos participantes mostrou-se sensível a manipulações ambientais, como o nível de atração percebido e a maior probabilidade de contrair uma IST.

Em outro estudo de Johnson e Bruner (2013), foi avaliada a confiabilidade da Tarefa de Desconto Sexual ao longo do tempo, ao mesmo tempo que se buscou identificar possíveis diferenças de comportamento impulsivo entre gêneros. O

experimento contou com 31 participantes dependentes de cocaína, em tratamento ambulatorial, que responderam à Tarefa de Desconto Sexual proposta por Johnson e Bruner (2012) em duas sessões distintas, com intervalo de sete dias entre elas. Além disso, foi aplicada uma Tarefa de Desconto Monetário, em que os participantes escolhiam entre receber valores menores imediatamente ou valores maiores após um intervalo de tempo, permitindo comparar a impulsividade financeira com a impulsividade sexual, o que serviu apenas como uma medida comparativa para esse experimento. Os resultados mostraram alta confiabilidade da Tarefa de Desconto Sexual em todas as condições (i.e., maior ou menor atratividade; maior ou menor risco de IST). Observou-se também que os homens foram mais impulsivos do que as mulheres em pelo menos três das quatro condições experimentais.

A partir dos estudos iniciais de Johnson e Bruner (2012; 2013) foi iniciada uma linha de pesquisa para identificar variáveis que afetam comportamentos sexuais de risco, assim como pesquisas para identificar populações de risco (i.e., maior probabilidade de realizar comportamentos sexuais de risco). Por exemplo, em Collado et al. (2017) foi comparado se os homens são mais impulsivos que as mulheres com uma amostra de estudantes universitários. Neste estudo foi realizado um procedimento similar ao de Johnson e Bruner (2012), no entanto foram comparadas as escolhas impulsivas e autocontroladas entre os diferentes gêneros. Observou-se nesse experimento que os homens foram mais impulsivos do que as mulheres. Além disso, o estudo também confirmou os achados de Johnson e Bruner, mostrando que manipulações no nível de atratividade influenciam significativamente as escolhas sexuais dos participantes. Por fim, também foi observado maior desconto quando o participante apontava ter tido um maior número de parceiros sexuais no decorrer da vida. Em outras palavras, parece ter sido demonstrado que homens são uma população de risco quando comparados a mulheres em relação a se envolver em comportamentos sexuais de risco.

Em Herrmann et al. (2014) foi medida a probabilidade de uso de preservativo em diferentes contextos sexuais, com e sem atrasos, e o desconto por atraso com recompensas monetárias em mulheres dependentes de opioides (OD) ou sem uso abusivo de drogas. Esse estudo contou com 57 participantes maiores de idade, heterossexuais, do sexo feminino e com atividade sexual nos últimos três meses. As

participantes foram divididas em dois grupos: um grupo de mulheres usuárias de OD; e outro grupo de mulheres sem uso de substâncias ilícitas nos últimos 30 dias (grupo controle). No início do experimento, os pesquisadores reproduziram a Tarefa de Desconto Sexual proposta por Johnson e Bruner (2012). Após completarem a tarefa de desconto sexual, as participantes realizaram também uma tarefa de desconto monetário, estruturada de forma semelhante, mas envolvendo escolhas sobre o recebimento hipotético de diferentes quantias em dinheiro. Os resultados dessa pesquisa apontam que mulheres usuárias de OD possuem uma maior tendência a optar por relações sexuais desprotegidas imediatas (i.e., escolha mais impulsiva), ao invés de esperar para ter uma relação sexual protegida (i.e., escolha menos impulsiva), principalmente quando se tratavam de parceiros que ela julgavam mais atraentes ou com com baixo risco de possuírem uma IST. Outro achado do estudo relata que as mulheres usuárias de OD também demonstraram ter uma maior preferência por recompensas monetárias imediatas. Além disso, foi encontrado uma correlação direta entre o desconto de sexo protegido e os altos níveis de impulsividade autorrelatada. Dessa maneira, conclui-se que pessoas que abusam de drogas também são mais impulsivas, do mesmo modo como ocorreu com homens em comparação às mulheres. Resultados semelhantes foram encontrados em usuários de cocaína (Koffarnus et al., 2016) ou com o uso agudo de álcool (Johnson et al., 2016).

O estudo de Hahn et al. (2019) comparou a tendência de priorizar o sexo imediato desprotegido entre homens heterossexuais e homens que fazem sexo com homens (HSH). Eles também investigaram se o uso do preservativo sofre um maior desconto quando o parceiro é fixo ou comprometido em comparação com parceiros casuais ou desconhecidos. Além disso, eles também analisaram se há uma correlação entre a maior tendência a comportamentos sexuais de risco e autorrelato de relações desprotegidas, consumo de substâncias psicoativas, e traços de personalidade marcados por impulsividade. Para isso, o experimento contou com 243 homens (99 HSH e 144 heterossexuais) com cerca de 30 anos, que foram recrutados por meio de plataformas digitais. Inicialmente, os participantes passaram pela Tarefa do Desconto Sexual (SDT) conforme proposto por Johnson e Bruner (2012). Após isso os pesquisadores incluíram a condição de relacionamento, onde se o participante estivesse em um relacionamento fixo (monogâmico ou não), ele era convidado a

imaginar o parceiro com quem se relacionava há pelo menos seis meses e, com base nessa imagem mental, responder a mesma série de perguntas do SDT. Foi observado que tanto homens heterossexuais quanto homens que fazem sexo com homens (HSH) tendem a abrir mão do uso do preservativo quando precisam esperar para obtê-lo, especialmente em situações com parceiros desejáveis ou percebidos como de baixo risco de estar infectado com uma IST. No entanto, essa tendência foi ainda maior quando os participantes imaginavam ter relações com seus parceiros fixos. Embora HSH e heterossexuais não tenham apresentado tanta diferença no comportamento sexual com parceiros casuais, o grupo HSH demonstrou uma maior propensão ao sexo desprotegido com os parceiros fixos principais. Além disso, foi possível observar que taxas de maior impulsividade no SDT estavam associadas ao autorrelato de menor uso de preservativos na vida real, de maior número de parceiros, de uso de substâncias, e altos níveis de busca por sensações sexuais, indicando um padrão de decisão mais impulsivo, o que pode contribuir para o risco aumentado de infecção por ISTs.

Para descrever os resultados de desconto do atraso sexual, essa área de pesquisa utiliza uma função matemática hiperbólica descrita pela seguinte fórmula matemática: $V=A(1-kD)$. Nessa fórmula “V” significa o valor subjetivo do reforço, “A” significa a magnitude da alternativa de autocontrole, “D” significa o atraso da alternativa de autocontrole, e “k” significa a taxa de desconto (Odum, 2011). Nesta função matemática, quanto maior for o valor de “k”, maior será a impulsividade.

Além disso, muitas pesquisas desta temática mensuram a impulsividade a partir da área debaixo da curva (AUC), onde se calcula a área inferior de um gráfico que mostra o valor subjetivo dado a um determinado reforço, em função do atraso de obtê-lo. Neste tipo de cálculo, quanto maior a AUC, menor é a impulsividade (Myerson et al., 2001).

Além de identificar possíveis populações de risco em relação ao comportamento sexual de risco, pesquisas nessa área visam descobrir intervenções e variáveis que afetam a escolha entre fazer sexo sem preservativo agora ou fazer sexo depois com preservativo. Em Quisenbery et al. (2015), investigou-se, por meio de um delineamento de grupos, como relatos de amigos sobre experiências de sexo sem preservativo com diferentes desfechos influenciam a tomada de decisão sexual. Para isso, estudantes universitários foram distribuídos em três grupos, que responderam a

mesma tarefa de desconto como proposto por Johnson e Bruner (2012). No entanto, um dos grupos antes de responder o questionário, leu uma história que um amigo conheceu uma pessoa em uma festa, fez sexo sem camisinha, e nada de ruim aconteceu (cenário positivo). Em outro grupo, os participantes leram uma história onde um amigo fez sexo sem camisinha e pegou HIV (cenário negativo). O último grupo leu uma história que o amigo fez sexo sem camisinha, pegou HIV, e se arrepende profundamente da sua escolha (cenário negativo com lamento). Foi observado que houve maior impulsividade no cenário positivo comparado aos cenários negativos. Ou seja, ouvir o relato de um amigo que pegou uma IST foi suficiente para diminuir a impulsividade.

Além disso, recentemente vem sendo investigado se intervenções que visam aumentar ou reduzir a excitação sexual afetam a escolha entre comportamentos sexuais de risco e práticas sexuais seguras. Inicialmente, essa área de estudo investigou se em populações que consomem materiais que induzem a excitação sexual também há uma maior impulsividade. No estudo de Lawyer (2008), por exemplo, buscou-se investigar se as decisões envolvendo o consumo de material erótico podem ser descritas pelas funções do paradigma do desconto. Para isso, o experimento contou com 71 participantes, que foram divididos em dois grupos: um de participantes que consumiam vídeos eróticos; e outro grupo de participantes que não consumiam vídeos eróticos. A tarefa de desconto se constituía em escolhas hipotéticas que envolviam receber dinheiro (menos dinheiro agora, ou mais dinheiro com atraso/menor probabilidade), ou que envolviam ter acesso a conteúdo erótico (assistir vídeos mais curtos agora, ou vídeos mais longos depois/com menor probabilidade). Os resultados desse estudo mostraram que quando se tratava de receber vídeos eróticos, os participantes usuários de conteúdo erótico apresentaram maior impulsividade sexual quando comparados aos não usuários de conteúdo erótico. Já os resultados em relação a recompensa hipotética monetária, foi identificado que o grupo de usuários de conteúdo erótico foram mais impulsivos (desvalorizando mais e de forma mais rápida o dinheiro com atraso), quando comparados ao grupo de não usuários de conteúdos eróticos.

Em Wongsomboon e Cox (2021), a variável de excitação sexual foi estudada de outra forma. Os autores investigaram como a redução sexual, provocada pelo uso de

preservativos, pode afetar na decisão de praticar sexo seguro. Para isso, o estudo contou com 390 participantes que no primeiro selecionaram imagens de pessoas que teriam maior interesse de fazer sexo, indicando quem seria o participante mais atraente e menos atraente. Após isso, os participantes foram separados em dois grupos. Ambos os grupos responderam ao SAD (Desconto de Excitação Sexual), o qual avaliou em diferentes cenários a disposição de se ter uma relação sexual com preservativo em comparação às mudanças de excitação sexual (própria e do parceiro), a qual variava de 100% a 10% de redução do nível de excitação sexual. A diferença entre os grupos é que, para um deles o uso preservativo reduzia o próprio prazer, enquanto para o outro grupo o uso do preservativo reduzia o prazer do parceiro. Foi identificado que houve redução na disposição de usar preservativo à medida que a excitação diminuía para ambos os grupos. Além disso, foi observado que os participantes tinham maior propensão em evitar o uso do preservativo quando se tratava de relação sexual com o parceiro que eles selecionaram como mais atraente. Outro achado relevante mostra que, quando se trata da própria excitação reduzida pelo uso de preservativo, o participante demonstra um maior desconto (i.e., maior impulsividade), mas apenas quando se trata do parceiro que ele selecionou como menos atraente. Por fim, foi constatado que, quando se trata do parceiro mais atraente, os homens apresentam maior desconto da excitação do que as mulheres. O resultado deste estudo demonstra a importância de levar em consideração a variável de excitação sexual quando se investiga o comportamento sexual de risco.

Em outro estudo, também foi utilizado a alteração do nível de excitação sexual, onde esta foi manipulada por meio da apresentação de vídeos eróticos, a fim de avaliar se a alteração desse estado influenciaria a escolha entre permanecer fiel ao parceiro ou traí-lo. Em Adler et al. (2023) foi realizada uma pesquisa com o objetivo de avaliar se a apresentação de vídeos eróticos ou de vídeos de meditação afetariam a probabilidade de traição. Nessa pesquisa, 42 participantes foram distribuídos em dois grupos. Em um dos grupos, os participantes foram expostos a vídeos de cenas de filmes eróticos (i.e., aumentam a excitação sexual), antes de responderem ao questionário. O outro grupo também foi exposto a vídeos, porém, sobre exercícios de atenção plena. O questionário envolveu diferentes perguntas hipotéticas onde o participante era instruído a considerar que estava 25% ou 75% satisfeito em seu

relacionamento e teria a chance de ter relações sexuais com alguém que era considerado 90% atraente para ele. Além disso, os participantes deveriam considerar que estavam dentro de dois diferentes cenários, onde em um deles haveria 0% e no outro 10% de chances de ser pego traindo seu companheiro. Foi encontrado nesta pesquisa que o grupo exposto aos vídeos eróticos optava mais pela opção de trair ao responder as perguntas hipotéticas (i.e., maior impulsividade), enquanto o grupo exposto aos vídeos de atenção plena optava mais pela opção de não trair (i.e., menor impulsividade). Respostas de traição ocorreram principalmente quando não estavam muito satisfeitos em seu relacionamento. Tais dados sugerem que, o nível de desejo sexual causado pelos vídeos pode afetar a probabilidade de realizar sexo, mesmo que isso envolva a traição em um relacionamento monogâmico.

Outra variável muito relevante foi investigada por Dariotis e Johnson (2015), que analisaram como o conhecimento sobre HIV se relacionava com comportamentos sexuais de risco em jovens adultos. O estudo contou com 171 participantes, de idades entre 18 e 24 anos, que responderam à tarefa de desconto sexual proposta por Johnson e Bruner (2012), a um questionário de conhecimento sobre HIV, e a escalas sobre comportamento sexual. Os resultados mostraram que os participantes com maior conhecimento sobre HIV apresentaram menores níveis de impulsividade sexual e maior probabilidade de relatar uso consistente de preservativos na condição que havia maior risco do parceiro ter IST. Esses achados sugerem que o conhecimento sobre HIV pode atuar como um fator moderador entre impulsividade e risco sexual, favorecendo escolhas mais seguras e voltadas para consequências de longo prazo. Isso reforça a importância de intervenções psicoeducativas que promovam tanto o conhecimento quanto a autorregulação como estratégias eficazes de prevenção de ISTs.

Em suma, até o momento, existem evidências em estudos de desconto do atraso envolvendo comportamentos sexuais de risco, mostrando que há estabilidade na impulsividade ao longo do tempo (Johnson & Bruner, 2013), que há impulsividade similar entre homens héteros e homens que fazem sexos com homem (Hanh et al., 2019), que variáveis ambientais como saber que um amigo contraiu uma IST reduz a impulsividade (Quisenberry et al., 2015), e que o uso crônico de substâncias como, álcool (Jarmolowicz et al., 2013), opioide (Hermann et al., 2014) e cocaína (Koffarnus et al., 2016) aumentam a impulsividade. Além disso, estudos que manipulam a excitação

sexual, seja por meio de preservativos (Wongsomboon & Cox, 2021) ou vídeos (Adler et al., 2023), encontraram maior impulsividade ao reduzir o prazer por usar preservativos, ou ao aumentar a excitação sexual por meio de vídeo, respectivamente. No entanto, não há evidências de que vídeos que provocam excitação sexual podem afetar o comportamento sexual de risco, como ocorreu com a tarefa de infidelidade (Adler et al., 2023). Além disso, nenhuma pesquisa até o momento avaliou se vídeos de conscientização sobre comportamentos sexuais de risco e IST afetam a escolha. Isso é relevante, visto que muitas políticas públicas visam diminuir os comportamentos sexuais de risco por meio de propagandas e panfletos educativos sobre esse tema. Desse modo, o objetivo dessa pesquisa é avaliar se vídeos que provocam excitação sexual ou que produzem conscientização sobre ISTs vão aumentar e reduzir a impulsividade, respectivamente.

3 Método

Tipificação:

O trabalho consistiu em uma pesquisa quantitativa básica explicativa, para identificar se houve relações causais entre as variáveis dependentes e independentes. Foi realizado um delineamento de grupo com três grupos diferentes, que diferiram quanto ao vídeo apresentado antes da tarefa. Os diferentes tipos de vídeos apresentados aos participantes foram as variáveis independentes do experimento. A variável dependente foi a probabilidade de fazer sexo sem preservativo.

Participantes:

Participaram 108 homens heterossexuais, com idades entre 18 a 35 anos, que possuíssem vida sexual ativa, ou seja, que tivessem tido ao menos três relações sexuais nos últimos 30 dias, e que não tivessem histórico de infecção por ISTs durante a vida. Os participantes foram divididos em três grupos: 39 participantes no Grupo Erótico; 42 participantes no Grupo Conscientização; e 27 participantes no Grupo Contole. A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética (CAAE: 83288324.4.0000.0023).

Tabela 1

Características Sociodemográficas.

Variável	Categoria	Amostra	%
Idade		21,85 anos em média	
Escolaridade	Ensino Médio Completo	19	17,59%
	Ensino Superior Incompleto	76	70,37%
	Ensino Superior Completo	9	8,33%
	Pós-graduação	4	3,70%
Estado Civil	Solteiro	89	82,41%
	Em relacionamento sério	9	8,33%

	Casado/União Estável	10	9,26%
Renda Familiar Mensal	1 a 3 salários mínimos	13	12,04%
	3 a 5 salários mínimos	20	18,52%
	5 a 10 salários mínimos	59	54,63%
	Menos de 1 salário mínimo	1	0,93%
	Prefiro não responder	15	13,89%
Consumo de Substâncias Psicoativas nos últimos 3 meses	Sim, consumo ocasionalmente	55	50,93%
	Sim, consumo frequentemente	23	21,30%
	Não consumo	29	26,85%
	Prefiro não responder	1	0,93%

Local:

A coleta de dados foi realizada em uma sala de aula dentro de uma instituição de ensino superior em Brasília-DF, que possuía iluminação e climatização artificiais, minimizando interferências sonoras ou de outros indivíduos. A sala possuía cadeiras enfileiradas, uma mesa, um quadro e aparelhos de imagem e som. Tanto a apresentação dos vídeos quanto a aplicação do questionário ocorreram na mesma sala, respectivamente.

Material:

Os materiais utilizados para a realização desse trabalho foram: um formulário de recrutamento inicial para seleção dos participantes, feito no Google Forms, com perguntas de filtragem das características necessárias dos participantes (perguntas

sobre orientação sexual, vida sexual, e interesse em participar da pesquisa); um tablet para apresentar os vídeos referentes a cada grupo. Um programa desenvolvido em linguagem Python para realização da tarefa de desconto sexual. Por fim, um notebook foi utilizado para rodar o programa em Python.

Procedimento:

Inicialmente, foi divulgado um link com um questionário de interesse de participação que possuía perguntas para pré-selecionar os participantes para a pesquisa. Esse questionário serviu para selecionar os participantes, pois nele havia perguntas relacionadas à idade, gênero e orientação sexual, se o indivíduo teve relação sexual nos últimos três meses, e se ele teria interesse em participar de uma pesquisa. A divulgação desse questionário de interesse de participação foi feita por meio de redes sociais e na própria instituição de ensino superior na qual os dados foram coletados, com o intuito de encontrar os participantes que se enquadram nos pré-requisitos propostos.

Ao final desse questionário, os participantes selecionados foram convidados a participar da pesquisa presencialmente dentro das instalações da instituição de ensino superior. Foi realizado um delineamento de grupo com três diferentes grupos: erótico, controle e conscientização. Todos os grupos assistiram a um vídeo e responderam à tarefa de desconto sexual de maneira similar à realizada por Johnson e Bruner (2012). O Grupo Conscientização assistiu a um vídeo de cerca de 90 segundos sobre a conscientização de ISTs. O Grupo Erótico assistiu a um vídeo com cenas eróticas de um seriado de TV, que tinha aproximadamente três minutos. O Grupo Controle foi exposto a vídeos de conteúdo neutro sobre meio ambiente (i.e., sem conotação erótica e sem abordar sobre ISTs), o qual foi usado para comparação dos resultados finais dos outros grupos (Ver Figura 1 para um resumo do procedimento).

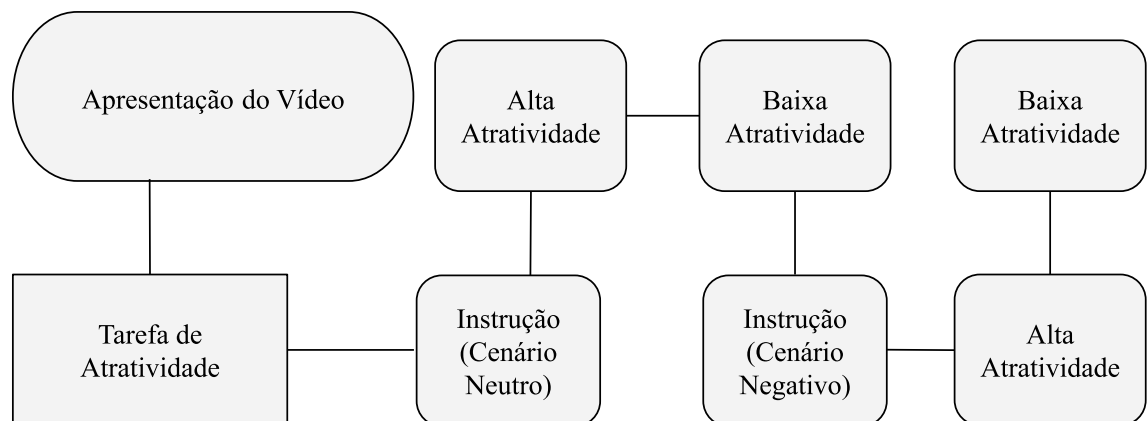
Cada participante assistiu o vídeo em um tablet, dentro de uma sala de aula, apenas na presença do pesquisador, o qual estava do outro lado da sala, sem poder assistir aos vídeos junto com o participante e nem observá-lo diretamente, a fim de não interferir ou constranger o participante, eliminando possíveis variáveis estranhas. Após o participante assistir aos vídeos, o pesquisador disponibilizou um computador para que o participante respondesse à tarefa de desconto do atraso, envolvendo

comportamentos sexuais de risco. Após a coleta de dados, ou seja, após a finalização do questionário, o participante era dispensado.

Quanto à tarefa de desconto, os participantes responderam à tarefa conforme proposto por Johnson e Bruner (2012) em uma condição com dois cenários: neutro e negativo. Em cada cenário, o participante respondeu ao questionário duas vezes: uma vez para uma imagem de fotografia da mulher por quem ele tinha indicado mais atração sexual e outra para a mulher por quem ele tinha menos atração sexual. No cenário negativo, havia uma instrução de que um amigo havia realizado um comportamento sexual de risco e contraído uma IST, enquanto no cenário neutro não havia o relato do amigo.

Figura 1

Esquema Representativo das Tarefas Experimentais.



Tarefa Atratividade Sexual:

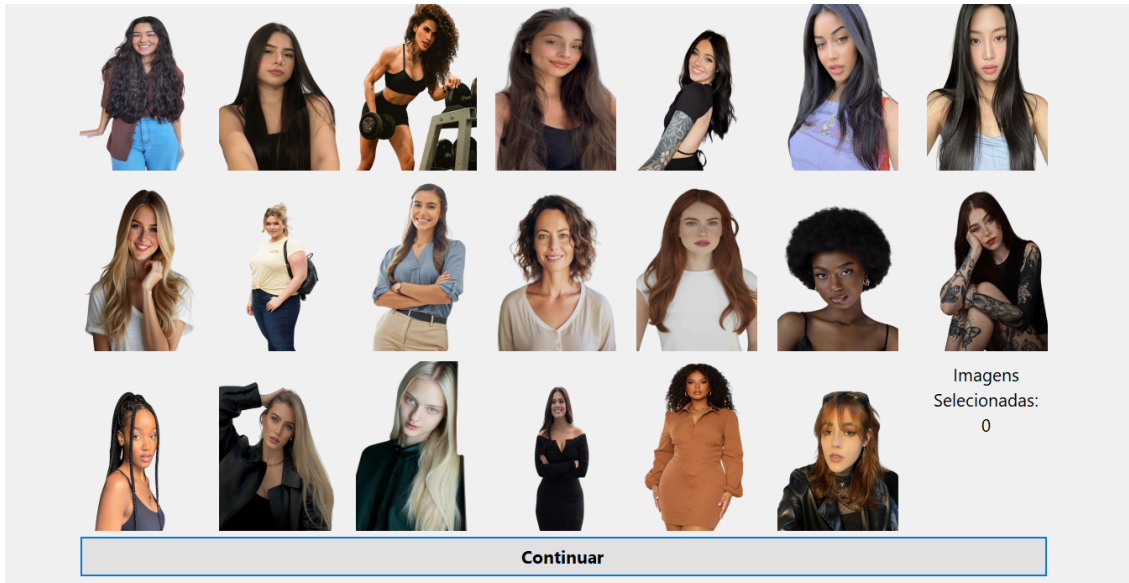
Foram apresentadas 20 imagens de mulheres de diferentes idades, etnias e características físicas, coletadas de perfis abertos do Instagram (Ver Figura 2). A instrução para a realização dessa tarefa foi: “Por favor, utilizando apenas o critério de atração física, selecione 10 imagens que contenham os indivíduos por quem você tem mais atração sexual.” E “Por favor, para o propósito desta tarefa, finja não estar em um relacionamento monogâmico, caso esteja”.

Após selecionar as 10 imagens de mulheres por quem o participante tinha mais atração, uma nova instrução foi dada: “Agora, numere as 10 imagens em ordem de

atração sexual, sendo 10 correspondente a menos atraente até 1 como a mais atraente.” Após isso, os participantes responderam à tarefa de desconto para a mulher mais atrativa (1) e menos atrativa (10).

Figura 2

Imagem Ilustrativa da Tarefa de Atratividade.



Tarefa de Desconto do Atraso:

Nesta tarefa, os participantes realizaram escolhas hipotéticas entre fazer sexo agora sem preservativo ou esperar uma determinada quantidade de tempo para fazer sexo com preservativo. A escolha do participante foi indicada por meio de uma escala probabilística, que variava de 0% a 100%. Os participantes responderam a dois questionários ao longo dessa primeira parte da condição, onde em cada questionário aparecia a imagem de uma mulher selecionada na tarefa de atratividade sexual. Primeiramente, os participantes responderam ao questionário de desconto do atraso de acordo com a pessoa por quem tinham mais atração (1), posteriormente pela pessoa considerada menos atraente (10).

Para avaliar a probabilidade de fazer sexo agora sem preservativo ou esperar um tempo para fazer sexo com preservativo, os participantes receberam as seguintes instruções:

“Este questionário apresenta uma situação com várias escolhas hipotéticas entre fazer sexo agora sem preservativo ou esperar para fazer sexo com preservativo. Faça suas escolhas como se fossem reais, mesmo sabendo que essas escolhas não acontecerão. Não existem respostas certas ou erradas, apenas sua decisão pessoal.”

Após a leitura dessas instruções, os participantes clicaram no botão de continuar que ficava localizado no canto inferior direito da tela para prosseguir com o questionário. Ao clicarem neste botão, uma nova instrução foi apresentada: “Imagine que você está prestes a ter relações sexuais com esta pessoa, você poderá escolher entre fazê-lo agora, sem preservativo, ou esperar o prazo X para fazê-lo com preservativo. Você deverá esperar 0 h para fazer sexo com preservativo ou fazê-lo imediatamente sem proteção. Nesse caso você:”

Após essa instrução, o participante respondeu à escala com base em cada atraso, cuja resposta variava de 0% (“Eu definitivamente teria sexo sem proteção”) a 100% (“Eu definitivamente teria sexo com proteção”). Para essas questões, os seguintes atrasos foram manipulados: 0 h, 1 h, 3 h, 6 h, 1 dia, 3 dias, 1 semana, 1 mês e 3 meses. Esse procedimento foi finalizado após os participantes responderem para cada um dos atrasos e para cada imagem selecionada, de acordo com os níveis de atração sexual apontados. Em sequência, foi realizada no Cenário Negativo.

Figura 3

Imagem Ilustrativa da Tarefa de Desconto Sexual Hipotético.



Tarefa de Desconto do Atraso com Mensagem Negativa:

O procedimento foi similar a Tarefa de Desconto do Atraso descrita anteriormente, porém antes de sua realização foi apresentada a seguinte instrução “Por favor leia atentamente o texto abaixo: Seu melhor amigo, que costuma ter comportamento sexual semelhante ao seu e tem uma idade próxima, acabou de ligar para falar sobre uma festa onde conheceu alguém por quem se interessou. Eles acabaram fazendo sexo sem usar proteção. Seu amigo ficou muito satisfeito com o ocorrido, e te diz: “Eu me diverti muito e ela era muito atraente. Estou animado para vê-la de novo!”. Um mês após a experiência, seu amigo experimentou dor de garganta, febre, erupção cutânea, fadiga, dor de cabeça e dores musculares e descreveu como “a pior gripe de todos os tempos”. Ele foi ao médico por causa desses sintomas e testou positivo para o Vírus HIV que causa a AIDS. Ele está profundamente devastado, com medo de que toda a sua vida tenha acabado e chorando

incontrolavelmente.”

Análise de Dados:

Na análise dos dados, a variável dependente foi o ponto de indiferença, calculado conforme o procedimento descrito por Johnson e Bruner (2012). Os participantes indicavam, em uma linha contínua, sua preferência entre sexo imediato sem preservativo e sexo com preservativo após determinado atraso. A posição marcada foi convertida em porcentagem de 0% a 100%, representando o ponto em que o participante se mostrava indiferente entre as duas opções.

Além disso, foram aplicados os critérios propostos por Johnson e Bickel (2008) para identificar dados assistemáticos. Segundo os autores, os dados são considerados assistemáticos se violarem um ou ambos os seguintes critérios: (1) se qualquer ponto de indiferença, a partir do segundo atraso, for pelo menos 20% maior do que o ponto imediatamente anterior, sugerindo um aumento não plausível no valor subjetivo da recompensa com o tempo; e (2) se o último ponto de indiferença (no maior atraso) não for pelo menos 10% menor do que o primeiro ponto (no menor atraso), indicando ausência de desconto com o tempo. No entanto, na literatura sobre desconto sexual de risco, é comum considerar apenas o critério 1 para exclusão de dados, pois o critério 2

tende a ser mais restritivo em tarefas com estímulos sexualmente evocativos, onde padrões de desconto atípicos são mais frequentes (Hahn et al., 2019). Dessa forma, nesta pesquisa, foram excluídos apenas os dados que violaram o critério 1, enquanto aqueles que violaram apenas o critério 2 foram mantidos nas análises, conforme prática adotada em estudos anteriores.

Os dados considerados assistemáticos foram excluídos apenas da condição experimental em que apresentaram violação. Nenhum dado foi excluído no Grupo Controle. No Grupo Conscientização, foram excluídos oito dados na condição Neutro 1, dois na Neutro 10, dois na Negativo 1 e um na Negativo 10. No Grupo Erótico, foram excluídos seis dados na condição Neutro 1, três na Neutro 10, dois na Negativo 1 e dois na Negativo 10.

Após a exclusão dos dados assistemáticos, foi calculada a área debaixo da curva (AUC) para cada grupo (Myerson et al. 2001) em cada condição e nível de atratividade. Para esse cálculo, normalizou-se o atraso e o ponto de indiferença para cada ponto dos dados, formando os eixos x e y, respectivamente, do gráfico de desconto. Feito isso, foram traçadas linhas verticais de cada ponto até o eixo x, subdividindo o gráfico em trapézoides. A área de cada trapézio foi igual a $(x_2 - x_1) \frac{(y_1 + y_2)}{2}$, sendo que x_1 e x_2 foram os atrasos sucessivos, e y_1 e y_2 os valores subjetivos associados a esses atrasos. Logo, a AUC foi igual à soma das áreas dos trapézios, onde quanto maior o seu valor, menor a impulsividade (Myerson et al., 2001). Foram apresentados os dados médios da AUC para cada condição, cenário e nível de atratividade, permitindo a comparação dos níveis de impulsividade entre os diferentes grupos experimentais. O cálculo da AUC e a identificação dos dados assistemáticos foram realizados pelo programa ShinyBeez (Kaplan & Reed, 2025).

Em seguida, foi realizada uma análise de variância de uma via (ANOVA-One Way) com o objetivo de avaliar se havia diferenças nos níveis de AUC entre os diferentes grupos para cada condição e nível de atratividade. A normalidade dos resíduos foi avaliada por meio do Q-Q Plot. O pressuposto de homogeneidade de variância foi avaliado por meio do teste de Levene. Os resultados do Q-Q Plot e teste de Levene sugeriram ausência de normalidade e de homogeneidade de variância, respectivamente. Com isso, foram realizados procedimentos de bootstrapping (1000 re-amostragens; 95% IC BCa) para se obter uma maior confiabilidade dos resultados,

para corrigir desvios de normalidade da distribuição da amostra e diferenças entre os tamanhos dos grupos e, também, para apresentar um intervalo de confiança de 95% para as diferenças entre as médias (Haukoos & Lewis, 2005). Considerando a heterogeneidade de variância, foi solicitada a correção de Welch e avaliação de post-hoc por meio do bootstrapping (Field, 2015). Foram realizadas quatro ANOVAS ao todo. Uma para comparar a AUC entre os grupos na Condição Neutro e Alta Atratividade, uma para Condição Neutro e Baixa Atratividade e duas para a Condição Negativa, tanto para alto e baixo nível de atratividade.

Por fim, foi realizado um teste t de medidas repetidas para avaliar se houve diferenças na AUC dependendo da condição, cenário ou nível de atratividade dentro de cada grupo. Para isso, inicialmente foram avaliados os pressupostos do teste, como normalidade e homogeneidade, utilizando os testes de Shapiro-Wilk e Levene, respectivamente. Como os dados não atenderam a esses pressupostos, foi realizado o teste não paramétrico de Wilcoxon Signed Rank. Os testes inferenciais foram realizados pelo JASP.

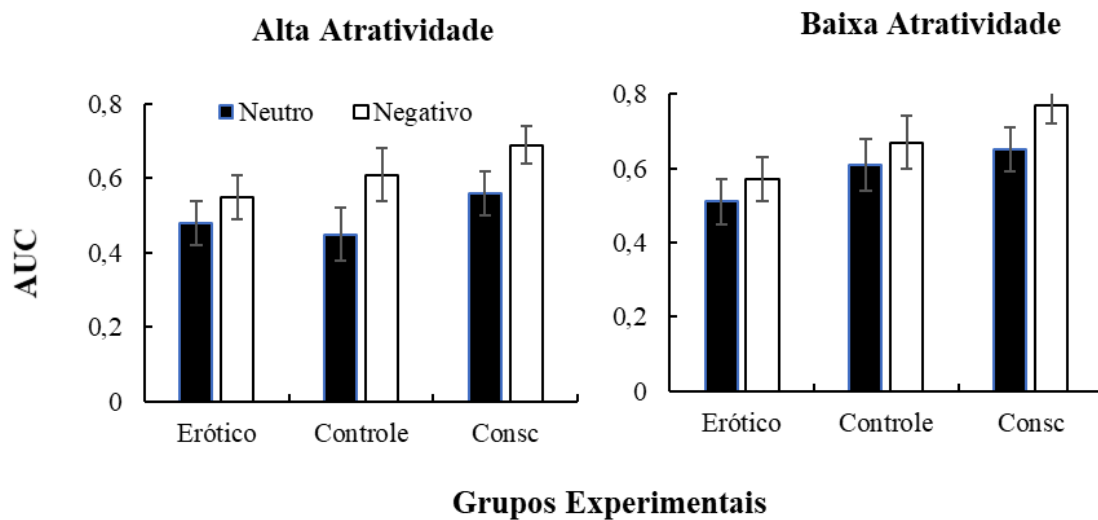
4 Resultados

Resultados

Na Figura 4, observa-se a média da área sob a curva (AUC) dos grupos para todas as condições e níveis de atratividade. Foi realizada uma ANOVA para avaliar se há diferenças estatisticamente significativas na AUC entre os grupos.

Figura 4

Média da AUC de Cada Grupo Experimental.



Nota: As barras indicam a média da AUC de cada grupo para cada condição e nível de atratividade. As barras de erro indicam o erro padrão.

Na condição neutra com alta atratividade, a análise de variância indicou ausência de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($F(2, 87) = 0,777$, $p = 0,463$; $\omega^2 = 0,000$). As comparações post-hoc confirmaram essa ausência ao revelar que não houve diferenças significativas entre os grupos Erótico e Conscientização ($\Delta M = -0,084$; IC95% [-0,265, 0,096]; $d = -0,228$; $p = 0,621$), Erótico e Controle ($\Delta M = 0,034$; IC95% [-0,163, 0,196]; $d = 0,084$; $p = 0,949$), e Conscientização e Controle ($\Delta M = 0,113$; IC95% [-0,066, 0,308]; $d = 0,312$; $p = 0,483$). Ainda que não tenham sido observadas diferenças estatisticamente significativas, os tamanhos de efeito sugerem maior impulsividade no Grupo Erótico em relação ao Grupo Conscientização, com efeito pequeno, e maior impulsividade no Grupo Controle em relação ao Conscientização, também com efeito pequeno a moderado. Entre os grupos Erótico e Controle, o efeito foi praticamente nulo.

Na condição neutra com baixa atratividade, a ANOVA novamente indicou ausência de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($F(2, 99) = 1,352$, $p = 0,263$; $\omega^2 = 0,007$). As comparações post-hoc revelaram que não houve diferenças significativas entre os grupos Erótico e Conscientização ($\Delta M = -0,142$; IC95% [-0,206, 0,051]; $d = -0,372$; $p = 0,243$), Erótico e Controle ($\Delta M = 0,103$; IC95% [-0,271, 0,090]; $d = 0,263$; $p = 0,564$) e Conscientização e Controle ($\Delta M = 0,041$; IC95% [-0,126, 0,222]; $d = 0,108$; $p = 0,904$). Os tamanhos de efeito, embora pequenos, sugerem tendência de maior impulsividade no Grupo Erótico e no Grupo Controle em relação ao Grupo Conscientização.

Na condição negativa com alta atratividade, a ANOVA indicou ausência de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos ($F(2, 99) = 1,589$, $p = 0,209$; $\omega^2 = 0,011$). As comparações post-hoc revelaram que não houve diferenças significativas entre os grupos Erótico e Conscientização ($\Delta M = -0,150$; IC95% [-0,291, 0,030]; $d = -0,407$; $p = 0,184$), Erótico e Controle ($\Delta M = -0,061$; IC95% [-0,251, 0,128]; $d = -0,168$; $p = 0,788$) e Conscientização e Controle ($\Delta M = 0,078$; IC95% [-0,068, 0,269]; $d = 0,239$; $p = 0,615$). Os tamanhos de efeito sugerem maior impulsividade no Grupo Erótico em relação ao Conscientização, com efeito moderado, e no Grupo Controle em relação ao Conscientização, com efeito fraco. Entre os grupos Erótico e Controle, o efeito foi muito pequeno.

Na condição negativa com baixa atratividade, a ANOVA indicou tendência à significância estatística ($F(2, 103) = 2,977$, $p = 0,055$; $\omega^2 = 0,036$). As comparações post-hoc indicaram que houve diferença estatisticamente significativa entre os grupos Erótico e Conscientização ($\Delta M = -0,200$; IC95% [-0,338, -0,030]; $d = -0,549$; $p = 0,043$), com efeito moderado. As comparações entre Erótico e Controle ($\Delta M = 0,094$; IC95% [-0,283, 0,093]; $d = 0,264$; $p = 0,544$) e entre Conscientização e Controle ($\Delta M = -0,100$; IC95% [-0,055, 0,267]; $d = -0,285$; $p = 0,490$) não revelaram diferenças estatisticamente significativas, e apresentaram efeitos fracos. Esses resultados indicam maior impulsividade no Grupo Erótico em relação ao Grupo Conscientização, com efeito significativo e moderado, e tendência de maior impulsividade no Grupo Controle em relação ao Conscientização, embora sem significância estatística.

Além da análise entre grupos, foram realizadas comparações intragrupo para verificar a influência da atratividade e do cenário emocional sobre a impulsividade.

Utilizou-se o teste de Wilcoxon para amostras pareadas, e o tamanho do efeito foi avaliado pelo rank bisserial pareado (rrb). Na comparação entre diferentes níveis de atratividade (alta vs. baixa) dentro do cenário neutro, os resultados do Grupo Erótico não foram estatisticamente significativos ($z = 0,216$, $p = 0,837$; $rrb = -0,044$) e indicaram ausência de efeito. No Grupo Conscientização ($z = -0,983$, $p = 0,334$; $rrb = -0,193$), o efeito foi fraco, sugerindo maior impulsividade quanto maior a atração sexual, embora sem significância estatísticas. Apenas no Grupo Controle foi observada uma diferença estatisticamente significativa ($z = -2,127$, $p = 0,035$; $rrb = -0,518$), com efeito moderado a forte, também sugerindo maior impulsividade quanto maior a atração sexual. No cenário negativo, padrões semelhantes foram observados: houve maior impulsividade diante de parceiros altamente atraentes em todos os grupos. No Grupo Erótico ($z = -0,901$, $p = 0,373$; $rrb = -0,185$) e no Grupo Controle ($z = -0,795$, $p = 0,436$; $rrb = -0,194$), os resultados não foram estatisticamente significativos e os efeitos foram fracos. Já no Grupo Conscientização ($z = -2,768$, $p = 0,006$; $rrb = -0,589$), observou-se um efeito moderado a forte, com resultados estatisticamente significativos. Esses achados sugerem que a atratividade do parceiro aumenta a preferência pela alternativa impulsiva, mesmo em contextos emocionalmente negativos.

Ao comparar diferentes cenários emocionais (Neutro vs. Negativo), mantendo constante o nível de atratividade, observou-se que os grupos foram mais impulsivos no cenário neutro, tanto para parceiros altamente atraentes quanto para os de baixa atratividade. No Grupo Erótico, o efeito foi fraco a moderado para alta atratividade ($z = -1,019$, $p < 0,001$; $rrb = -0,210$) e para baixa atratividade ($z = -1,178$, $p < 0,001$; $rrb = -0,239$) com resultados estatisticamente significativos. No Grupo Conscientização, observou-se um efeito médio para alta atratividade ($z = -1,384$, $p = 0,169$; $rrb = -0,280$) e moderado para baixa atratividade ($z = -2,403$, $p = 0,017$; $rrb = -0,480$), embora, só houve diferenças estatisticamente significativas para baixa atratividade. No Grupo Controle, o efeito foi forte para alta atratividade ($z = -2,520$, $p = 0,012$; $rrb = -0,628$) e fraco a médio para baixa atratividade ($z = -1,185$, $p = 0,2421$; $rrb = -0,289$), com significância estatística apenas para alta atratividade. Esses resultados indicam que o cenário emocional negativo pode reduzir a preferência por alternativas impulsivas (i.e.,

sexo sem preservativo), aumentando a tendência ao uso de preservativo independentemente do nível de atratividade do parceiro.

Discussão

Este estudo teve como objetivo avaliar como diferentes tipos de estímulos (Erótico, Conscientização ou Neutro) podem afetar a probabilidade de fazer sexo sem preservativo agora (i.e., impulsividade). Além disso, foi investigado se a impulsividade se difere quando apresentadas em cenários distintos (neutro e negativo) e diferentes níveis de atratividade. Foram observados três principais resultados: (1) observou-se que o Grupo Erótico apresentou, de forma consistente, os maiores níveis de impulsividade, enquanto o Grupo Conscientização tendeu a apresentar os menores níveis de impulsividade, ainda que a maioria das comparações não tenha atingido significância estatística; (2) observou-se que a atratividade do parceiro aumentou a impulsividade nos Grupos Controle e Conscientização, mas teve pouco efeito sobre o Grupo Erótico e, (3) o cenário emocional negativo reduziu a impulsividade nos três grupos. Esses achados sugerem que tanto a atratividade quanto o cenário emocional influenciam a impulsividade sexual, porém de maneiras distintas entre os grupos, especialmente para aqueles que passaram por intervenções voltadas à psicoeducação ou ao aumento de excitação.

Os achados de maior impulsividade relacionados ao Grupo Erótico convergem com evidências da literatura que indicam que a excitação sexual pode aumentar a preferência por recompensas imediatas, mesmo diante de potenciais consequências negativas. Por exemplo, Adler et al. (2023) investigaram como o estado de excitação sexual influencia o comportamento impulsivo de infidelidade e encontraram que participantes expostos a vídeos erotizados apresentaram maior propensão a escolher alternativas de traição em cenários de baixa probabilidade de descoberta. O presente estudo identificou que a exposição a estímulos eróticos, ainda que anterior à tarefa, esteve associada a maiores níveis de impulsividade sexual em quase todas as condições experimentais. É a primeira evidência, pelo conhecimento dos autores, que vídeos que induzem excitação sexual aumentam a preferência pelo sexo imediato sem preservativo. É possível interpretar que os vídeos eróticos atuaram como estímulos

com função motivacional transitória, momentaneamente aumentando o valor reforçador do sexo e, com isso, elevando a probabilidade de escolha por sexo imediato sem o uso de preservativo, mesmo diante de riscos hipotéticos. Ou seja, o comportamento impulsivo pode ter sido favorecido não por um déficit cognitivo, mas por uma alteração temporária no valor dos reforçadores. Esse tipo de processo comportamental tem implicações importantes para a saúde pública, especialmente em contextos nos quais há alta exposição a conteúdos erotizados e baixa disponibilidade de repertórios de autocontrole. Estratégias de prevenção mais eficazes podem se beneficiar da consideração desses fatores motivacionais, incluindo intervenções que promovam discriminações mais claras entre consequências imediatas e tardias, bem como o fortalecimento de respostas alternativas com valor reforçador competitivo, como o uso do preservativo como parte de experiências sexuais positivas.

Em contraste, os participantes do Grupo Conscientização apresentaram, de forma geral, os menores níveis de impulsividade ao longo das condições testadas. Esses achados são coerentes com os resultados de Dariotis e Johnson (2015), que encontraram uma associação significativa entre maior conhecimento sobre HIV e menores níveis de impulsividade, principalmente, na condição que havia maior risco da pessoa ter uma IST. É possível interpretar que o fornecimento prévio de informações sobre ISTs pode ter alterado a função dos estímulos envolvidos na decisão dos participantes, fazendo com que as escolhas fossem mais controladas por consequências atrasadas (evitar uma IST) e menos determinadas por reforçadores imediatos (prazer sexual momentâneo). Esse efeito pode ter sido favorecido pelas regras alterarem a função dos estímulos (IST e prazer).

Tais dados sugerem que intervenções educativas simples, mas estrategicamente posicionadas no tempo, podem ser eficazes para aumentar o controle do comportamento por consequências de longo prazo. Em contextos reais, isso indica o potencial de ações preventivas com foco em informação contextualizada e funcional, que possam ser aplicadas imediatamente antes de situações de vulnerabilidade, como por exemplo, campanhas digitais baseadas em nudges, lembretes antes de encontros sexuais, ou ainda protocolos breves de psicoeducação aplicados em serviços de saúde ou ambientes universitários. Além disso, estratégias que promovam o fortalecimento

de repertórios verbais de autocontrole, como treino de resolução de conflitos entre reforçadores concorrentes (imediatos vs. atrasados), podem contribuir para que a escolha pelo sexo protegido se torne mais provável, mesmo diante de situações de excitação ou pressão social. Esses resultados indicam que intervenções comportamentais focadas em discriminações funcionais e sensibilização para consequências atrasadas devem ser exploradas e ampliadas como ferramentas de saúde pública voltadas à prevenção de ISTs e à promoção da saúde sexual. No entanto, uma limitação desses achados é que esse efeito não foi avaliado a longo prazo.

De maneira geral, os resultados indicaram que a atratividade do parceiro influenciou a impulsividade sexual em todos os grupos, exceto no Grupo Erótico. Os Grupos Conscientização e Controle apresentaram maior preferência pela alternativa impulsiva (i.e., sexo sem preservativo agora) diante de parceiros com alta atratividade, o que é compatível com a ideia de que estímulos mais reforçadores, como a aparência física, aumentam a probabilidade de escolha por consequências imediatas. Esses resultados são consistentes com estudos anteriores (Collado & Johnson, 2017; Hanh et al., 2019; Johnson & Bruner, 2012), que mostram que o valor atribuído ao uso do preservativo tende a diminuir à medida que aumenta o desejo sexual despertado por parceiros considerados altamente atraentes. Por outro lado, houve falha de replicação com o Grupo Erótico. Para esse grupo, houve impulsividade similar tanto para a imagem de alta quanto de baixa atratividade. Tais dados sugerem que o estado de excitação prévio, induzido pelo vídeo erotizado, pode ter aumentado a excitação sexual de tal maneira, que não houve diferenças, independentemente do tipo de parceiro avaliado. Esses dados apontam para a importância de considerar o efeito de antecedentes motivacionais (como a excitação sexual) na modulação de decisões sexuais, especialmente em contextos onde há alta exposição a estímulos erotizados, como redes sociais e pornografia. Ou seja, situações em que homens héteros estejam com maior excitação sexual é um cenário de muito risco para ocorrer comportamentos sexuais de risco. Desenvolver intervenções que reduzam tais práticas sexuais é de suma importância para mitigar a probabilidade de contrair uma IST.

Além da atratividade, o cenário emocional também impactou as escolhas impulsivas. Observou-se que todos os grupos, foram menos impulsivos no cenário

negativo do que no cenário neutro. Esses dados replicam achados da literatura, como os de Quisenberry et al. (2015) e acrescenta à literatura ao demonstrar que o efeito inibitório do cenário emocional negativo varia de acordo com o tipo de estímulo prévio recebido. Esses achados se evidenciam ao observar que, enquanto os Grupos Conscientização e Controle apresentaram reduções mais expressivas na impulsividade sob contexto negativo (com efeitos de moderados a fortes), o Grupo Erótico demonstrou pouca sensibilidade a essa manipulação, sugerindo que a excitação sexual induzida por vídeos eróticos pode diminuir o efeito do cenário negativo. Assim, este estudo contribui ao demonstrar que o impacto das emoções sobre decisões sexuais impulsivas depende não apenas do conteúdo emocional, mas também do nível de excitação sexual do participante.

Apesar dessa interpretação ser coerente com os dados observados, há uma limitação metodológica importante a ser considerada. Neste experimento não foi mensurado diretamente o grau de excitação sexual dos participantes após a exposição ao vídeo. Isso implica na impossibilidade da afirmação de que os participantes do Grupo Erótico de fato excitados sexualmente. A ausência dessa medida objetiva de excitação pode limitar as conclusões sobre a eficácia da manipulação experimental. Diante disso, futuras pesquisas podem incluir escalas autorrelatadas de excitação sexual (avaliação subjetiva por meio de formulários, medição de frequência cardíaca ou de outras medidas fisiológicas) imediatamente após o vídeo e antes da tarefa de desconto do atraso sexual, para validar a eficácia da manipulação e compreender melhor a relação entre excitação induzida e impulsividade sexual. Além disso, futuras pesquisas podem utilizar vídeos que sejam previamente escolhidos pelo próprio participante, para que haja uma maior garantia que de fato o vídeo aumentará o nível de excitação sexual.

5 Considerações finais

O objetivo deste estudo foi investigar a impulsividade sexual sob o efeito de diferentes contextos e níveis de atratividade dos parceiros, contribuindo para a compreensão de como essas variáveis situacionais podem influenciar decisões sexuais impulsivas. A partir da aplicação de uma tarefa experimental com três grupos distintos, foi observado maior impulsividade em contextos neutros associados à alta atratividade, exceto para o Grupo Erótico. Resultados como esses devem ser interpretados com cautela, levando em consideração algumas limitações metodológicas. Algumas limitações deste estudo estão relacionadas com o pequeno tamanho da amostra, o que pode ter restringido o poder estatístico das análises, dificultando a identificação de efeitos mais sutis. Outra limitação faz referência com a composição da amostra, que foi formada exclusivamente por estudantes universitários, e que também limita a generalização dos achados para outras populações. Além disso, o delineamento da tarefa seguiu uma estrutura fixa, onde a apresentação sequencial dos cenários e níveis de atratividade, o que pode ter introduzido efeitos de ordem. Considerando essas questões, recomenda-se que estudos futuros utilizem amostras mais diversificadas, adotem medidas diretas de excitação sexual e implementem o contrabalanceamento na ordem dos estímulos. Tais aprimoramentos metodológicos podem fortalecer a validade dos achados e ampliar o entendimento sobre os mecanismos envolvidos na impulsividade sexual.

REFERÊNCIAS

- Adler, J. B., & Sickman, E. (2023). Evaluating the relationship between sexual arousal and mindfulness on probability discounting within infidelity. *The Psychological Record*, 73(3), 541–554. <https://doi.org/10.1007/s40732-023-00563-z>
- Bickel, W. K., Odum, A. L., & Madden, G. J. (1999). Impulsivity and cigarette smoking: delay discounting in current, never, and ex-smokers. *Psychopharmacology*, 146(4), 447–454. <https://doi.org/10.1007/pl00005490>
- Bolin, L. V., & Lile, J. A. (2016). Bupirone reduces sexual risk-taking intent but not cocaine self-administration. *Experimental and Clinical Psychopharmacology*, 24(3), 162–173. <https://doi.org/10.1037/pha0000076>
- Brasil, UNAIDS. (2015). Declaração de posição sobre preservativos e a prevenção do HIV, outras infecções sexualmente transmissíveis e gravidez indesejada. Brasília: UNAIDS Brasil. <https://unaid.org.br/>
- Collado, A., & Johnson, P. S. (2017). Discounting of condom-protected sex as a measure of high risk of sexually transmitted infection among college students. *Archives of Sexual Behavior*, 46, 2187–2195. <https://doi.org/10.1007/s10508-017-0983-6>
- Dariotis, J. K., & Johnson, M. W. (2015). Sexual discounting among high-risk youth ages 18-24: implications for sexual and substance use risk behaviors. *Experimental and Clinical Psychopharmacology*, 23(1), 49–58. <https://doi.org/10.1037/a0038399>
- Domingues, C. S. B., & Duarte, G. (2021). Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: Sífilis congênita e criança exposta à sífilis. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 30, e2020597. <https://doi.org/10.1590/S1679-49742021000100026>
- Ferreira, R., & Moura, E. C. (2009). Vulnerabilidade de adolescentes às doenças sexualmente transmissíveis: estudo em uma unidade básica de saúde do município de São Paulo. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 43(3), 630–637. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342009000300017>
- Hanh, H., & Kalnitsky, S. (2019). Delay discounting of protected sex: Relationship type and sexual orientation influence sexual risk behavior. *Archives of Sexual Behavior*, 48, 2089–2102. <https://doi.org/10.1007/s10508-018-1343-2>

- Herrmann, E. S., Hand, D. J., Johnson, M. W., Badger, G. J., & Heil, S. H. (2014). Examining delay discounting of condom-protected sex among opioid-dependent women and non-drug-using control women. *Drug and Alcohol Dependence*, 144, 53–60. <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2014.07.026>
- Jarmolowicz, D. P., Bickel, W. K., & Gatchalian, K. M. (2013). Alcohol-dependent individuals discount sex at higher rates than controls. *Drug and Alcohol Dependence*, 131(3), 320–323. <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2012.12.014>
- Johnson, M. W., & Bruner, N. R. (2012). The Sexual Discounting Task: HIV risk behavior and the discounting of delayed sexual rewards in cocaine dependence. *Drug and Alcohol Dependence*, 123(1–3), 15–21. <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2011.10.023>
- Johnson, M. W., Johnson, P. S., Herrmann, E. S., & Sweeney, M. M. (2015). Delay and probability discounting of sexual and monetary outcomes in individuals with cocaine use disorders and matched controls. *PLoS ONE*, 10(5), e0128641. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0128641>
- Johnson, P. S., Sweeney, M. M., Herrmann, E. S., & Johnson, M. W. (2016). Alcohol increases delay and probability discounting of condom-protected sex: A novel vector for alcohol-related HIV transmission. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research*, 40(6), 1339–1350. <https://doi.org/10.1111/acer.13056>
- Kaplan, B. A., & Reed, D. D. (2025). shinybeez: A Shiny app for behavioral economic easy demand and discounting. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 123(2), 355–376. <https://doi.org/10.1002/jeab.70000>
- Koffarnus, M. N., Johnson, M. W., Thompson-Lake, D. G., Wesley, M. J., Lohrenz, T., Montague, P. R., & Bickel, W. K. (2016). Cocaine-dependent adults and recreational cocaine users are more likely than controls to choose immediate unsafe sex over delayed safer sex. *Experimental and Clinical Psychopharmacology*, 24(4), 297–304. <https://doi.org/10.1037/pha0000080>
- Lawyer, S. R. (2008). Probability and delay discounting of erotic stimuli. *Behavioural Processes*, 79(1), 36–42. <https://doi.org/10.1016/j.beproc.2008.04.009>
- Lawyer, S. R., & Schoepflin, F. J. (2013). Predicting domain-specific outcomes using delay and probability discounting for sexual versus monetary outcomes. *Behavioural Processes*, 96, 71–78. <https://doi.org/10.1016/j.beproc.2013.03.001>

Ministério da Saúde. (2023, fevereiro). Cerca de 60% dos brasileiros acima de 18 anos afirmam não usar preservativo nenhuma vez em relações sexuais.

<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/fevereiro/cerca-de-60-dos-brasileiros-acima-de-18-anos-afirmam-nao-usar-preservativo-nenhuma-vez-em-relacoes-sexuais>

Myerson, J., Green, L., & Warusawitharana, M. (2001). Area under the curve as a measure of discounting. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 76(2), 235–243. <https://doi.org/10.1901/jeab.2001.76-235>

Odum A. L. (2011). Delay discounting: trait variable?. *Behavioural processes*, 87(1), 1–9. <https://doi.org/10.1016/j.beproc.2011.02.007>

Petry, N. M. (2001). Pathological gamblers, with and without substance abuse disorders, discount delayed rewards at high rates. *Journal of Abnormal Psychology*, 110(3), 482–487. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.110.3.482>

Quisenberry, A. J., Eddy, C. R., Patterson, D. L., Franck, C. T., & Bickel, W. K. (2015). Regret expression and social learning increases delay to sexual gratification. *PLOS ONE*, 10(8), e0135977. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0135977>

Reis, R. K., & Gir, E. (2009). Convivendo com a diferença: o impacto da sorodiscordância na vida afetivo-sexual de portadores do HIV/AIDS. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 43(2), 278–285. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342010000300030>

Wongsomboon, V., & Cox, D. J. (2021). Sexual Arousal Discounting: Devaluing Condom-Protected Sex as a Function of Reduced Arousal. *Archives of Sexual Behavior*, 50(6), 2717–2728. <https://doi.org/10.1007/s10508-020-019>

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário Sociodemográfico

Este questionário tem como finalidade coletar informações essenciais sobre seu perfil. Os dados fornecidos são confidenciais e serão utilizados exclusivamente para fins de pesquisa científica, garantindo o seu anonimato. A sua participação é fundamental para o entendimento dos comportamentos sexuais e da impulsividade. Agradecemos a sua colaboração!

1. Qual a sua idade?

Resposta _____

2. Escolaridade:

Ensino Fundamental incompleto

Ensino Fundamental completo

Ensino Médio incompleto

Ensino Médio completo

Ensino Superior incompleto

Ensino Superior completo

Pós-graduação (mestrado, doutorado, etc.)

3. Estado Civil:

Solteiro(a)

Casado(a) / União estável

Divorciado(a)

Viúvo(a)

Outro: _____

4. Orientação Sexual:

Heterossexual (Homens que fazem sexo exclusivamente com mulheres)

Homoafetivo (Homens que fazem sexo exclusivamente com homens)

Bissexual (Homens que fazem sexo com homens e mulheres)

Outra (especificar): _____

5. Você se identifica como:

Homem cisgênero

Homem transgênero

Outro (especificar): _____

6. Relacionamentos Sexuais:

Atualmente está em um relacionamento sexual

Não está em um relacionamento sexual

Prefiro não responder

7. Você teve atividade sexual nos últimos 3 meses?

Sim

Não

8. Com que tipo de parceiro(a) você tem relações sexuais?

Parceiro(a) fixo(a) (relacionamento estável)

Parceiros(as) casuais

Ambos (fixo e casuais)

Prefiro não responder

9. Como você define o seu estilo de relacionamento?

a) Monogâmico(a)

b) Relacionamento aberto

c) Outro: _____ (especifique)

10. Com qual das opções a seguir você mais se identifica quanto ao papel na relação sexual?"

() Passivo(a)

() Ativo(a)

() Versátil

() Prefiro não responder

10. Frequência de Atividade Sexual nos últimos 3 meses:

Nenhuma vez

1 a 2 vezes

3 a 5 vezes

6 a 10 vezes

Mais de 10 vezes

11. Número de parceiros(as) sexuais nos últimos 3 meses:

Nenhum

1 parceiro(a)

2-3 parceiros(as)

Mais de 3 parceiros(as)

12. Nos últimos 3 meses, com que frequência você teve relações sexuais desprotegidas (sexo sem preservativo)?

Nunca

Raramente

Às vezes

Frequentemente

Sempre

13. Como você avalia o risco de contrair uma IST em suas relações sexuais?

Muito baixo

Baixo

Moderado

Alto

Muito alto

14. Você já foi diagnosticado com alguma Infecção Sexualmente Transmissível (IST)?

Sim, atualmente tenho uma IST

Sim, no passado, mas estou curado(a)

Não

Prefiro não responder

15. Renda Familiar Mensal:

Menos de 1 salário mínimo

1 a 3 salários mínimos

3 a 5 salários mínimos

5 a 10 salários mínimos

Mais de 10 salários mínimos

Prefiro não responder

16. Consumo de Substâncias Psicoativas (álcool, tabaco, drogas ilícitas) nos últimos 3 meses:

Não consumo

Sim, consumo ocasionalmente

Sim, consumo frequentemente

Prefiro não responder

ANEXOS

Anexo A - Modelo Formulário de Interesse de Participação:

Pesquisa Comportamento sexual

Se você tem interesse em participar de uma pesquisa sobre comportamento sexual de risco, preencha o formulário abaixo e ajude a ciência a avançar! Sua colaboração é anônima e essencial. 💡 ✨

Contamos com você! 💙

[Faça login no Google](#) para salvar o que você já preencheu. [Saiba mais](#)

Nome

Sua resposta

Idade

Sua resposta

Telefone

Sua resposta

Teve relação sexual nos últimos três meses

Sim

Não

Tipo de Relacionamento

Solteiro

Em um relacionamento Monogâmico (apenas um parceiro sexual)

Em um relacionamento não Monogâmico (mais de um parceiro sexual ao mesmo tempo)

Orientação Sexual

Heterossexual (Homem que faz sexo apenas com mulheres)

Homossexual (Homens que fazem sexo com homens)

Bissexual (Homens que fazem sexo com outros homens e com mulheres)

Tem interesse em participar de uma pesquisa de comportamento sexual presencialmente por meio de um software

Sim

Não

Anexo B - Modelo TCLE:

Registro de Consentimento Livre e Esclarecido para Pesquisas Virtuais

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) do estudo **O efeito de vídeos eróticos e de conscientização sobre infecções sexualmente transmissíveis no comportamento sexual de risco em jovens universitários**, DESENVOLVIDO POR PESQUISADORES DA/DO **CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA (CEUB)**. O nome deste documento que você está lendo é Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCL) que visa assegurar seus direitos como participante.

Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo. Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo.

A pesquisa tem como objetivo investigar os níveis de impulsividade em diferentes populações. Você está sendo convidado a participar exatamente por ser parte dessas populações.

Sua participação consiste em avaliar uma série de personagens de acordo com diferentes cenários. O procedimento será realizado em apenas uma sessão, com duração em torno de 20 minutos. Você avaliará figuras de personagens, a partir de um programa de computador. Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.

Este estudo possui riscos mínimos. Em ordem de minimizar os riscos referentes ao uso cotidiano do computador, o estudo possui um tempo de curta duração, reduzindo o tempo contínuo e ininterrupto frente à tela. Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.

Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis. Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Com sua participação nesta pesquisa você não terá benefícios diretos por participar dessa pesquisa. No entanto, sua participação nesta pesquisa contribuirá para estudos relevantes para a Psicologia.

Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar. Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis. Também deverá ser esclarecido quanto ao direito do participante de não responder qualquer uma das perguntas.

Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas. Os dados e instrumentos utilizados (por exemplo, fitas, entrevistas, questionários) ficarão guardados sob a responsabilidade de **Giovanna Petek Reinert** com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos. Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma dúvida referente aos objetivos, procedimentos e métodos utilizados nesta pesquisa, entre em contato com os pesquisadores responsáveis pelo Pesquisador orientador de aluno em graduação: **Eduardo Walcacer Viegas (edutsviegas@gmail.com; (61)99556-0723)** e Pesquisador aluno de graduação: **Giovanna Petek Reinert (giovanna.reinert@sempreceub.com; (77) 999462505)**. Também, se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília (CEP-UniCEUB), que aprovou esta pesquisa, pelo telefone **3966-1511** ou pelo e-mail **cep.uniceub@uniceub.br**. O horário de atendimento do CEP-UniCEUB é de segunda a quinta: 09h30 às 12h30 e 14h30 às 18h30. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

O CEP é um grupo de profissionais de várias áreas do conhecimento e da comunidade, autônomo, de relevância pública, que tem o propósito de defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e de contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Caso concorde em participar deste estudo, favor assinalar a opção a seguir:

